

## MEU INSTRUMENTO É O PINCEL: PERSONIFICAÇÃO E ANÁLISE FÍLMICA SOBRE NISE DA SILVEIRA<sup>1</sup>

MY INSTRUMENT IS THE BRUSH: PERSONIFICATION AND FILM ANALYSIS ABOUT  
NISE DA SILVEIRA

MI INSTRUMENTO ES EL PINCEL: PERSONIFICACIÓN Y ANÁLISIS PELÍCULA SOBRE  
NISE DA SILVEIRA

Alice Gabriella Muniz de Alencar Araripe<sup>2</sup>

Lívia Leal Miranda<sup>3</sup>

Alisson Dias Gomes<sup>4</sup>

**RESUMO:** Nise da Silveira foi uma figura imprescindível para a ascensão de um atendimento humanizado aos enfermos mentais, introduzindo a arte e o acolhimento por meio do apego na sua atuação profissional. Silveira desafiou o sistema psiquiátrico medicalizante vigente no século XX e tornou-se um símbolo da criticidade aos processos em vigor naquela época. Partindo disso, o filme “Nise, o Coração da Loucura”, retrata um recorte temporal da vida da psiquiatra que é digno de análise e de estudo, sendo este o período de sua atuação no Hospital Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro. Por meio de uma pesquisa bibliográfica qualitativa seguida de análise crítica da cinematografia proposta, procuram-se entender as estratégias escolhidas pelo cineasta Roberto Berliner para contar a história de Nise, a perspectiva da época sobre as doenças mentais e como essa visão mudou – ou não – na contemporaneidade, bem como a forma como Nise da Silveira foi retratada nesse contexto histórico. A partir dessas análises compreendeu-se a complexa trajetória em torno de sua “mania de liberdade”.

**Palavras-chave:** Nise da Silveira. Análise Fílmica. Reforma Psiquiátrica.

1440

**ABSTRACT:** Nise da Silveira was an essential figure for the rise of humanized care for the mentally ill, introducing art and welcoming through attachment into her professional work. Silveira challenged the medicalizing psychiatric system in force in the 20th century and became a symbol of criticism of the processes in force at that time. Based on this, the film “Nise, the Heart of Madness” portrays a time frame of the psychiatrist's life that is worthy of analysis and study, this being the period of her work at the Pedro II Psychiatric Hospital, in Rio de Janeiro. Through qualitative bibliographical research followed by critical analysis of the proposed cinematography, we seek to understand the strategies chosen by filmmaker Roberto Berliner to tell Nise's story, the perspective of the time on mental illnesses and how this view changed – or not – in contemporary times, as well as the way Nise da Silveira was portrayed in this historical context. From these analyzes the complex trajectory surrounding his “mania for freedom” was understood.

**Keywords:** Nise da Silveira. Film Analysis. Psychiatric Reform.

<sup>1</sup>Trabalho vinculado ao projeto de iniciação científica - Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC), intitulado “O papel de Nise na reforma psiquiátrica: reflexões sobre o filme e inspirações para novas práticas profissionais”, aprovado no Edital nº 10/2024, do Núcleo de Iniciação à Pesquisa (NIP), do Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA).

<sup>2</sup>Discente do curso de Psicologia no Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA). Voluntária do Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC).

<sup>3</sup>Discente do curso de Psicologia no Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA). Voluntária do Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC).

<sup>4</sup>Graduação em Comunicação Social - Jornalismo (UNIFSA). Máster en Comunicación y Educación, Universidad Autónoma de Barcelona (UAB), Barcelona, Espanha. Doctorado en Comunicación Audiovisual, Revolución Tecnológica y Cambios Culturales, Universidad de Salamanca (USAL, 2011), Salamanca, Espanha. Professor do UNIFSA. Orientador da pesquisa.

**RESUMEN:** Nise da Silveira fue una figura fundamental en el desarrollo de la atención humanizada a las personas con trastornos mentales, introduciendo el arte y el apoyo al apego en su trabajo profesional. Silveira desafió el sistema psiquiátrico medicalizante vigente en el siglo XX y se convirtió en un símbolo del pensamiento crítico frente a los procesos vigentes en la época. A partir de entonces, la película “Nise, el corazón de la lujuria” retrata un período de la vida de la psiquiatra que merece análisis y estudio, siendo éste el período de su trabajo en el Hospital Psiquiátrico Pedro II. Hospital, en Río de Janeiro. A través de una investigación bibliográfica cualitativa seguida de un análisis crítico de la cinematografía propuesta, buscamos comprender las estrategias elegidas por el cineasta Roberto Berliner para contar la historia de Nise, la perspectiva de la época sobre la enfermedad mental y cómo esta mirada ha cambiado -o no- en la contemporaneidad. . . así como la forma como Nise da Silveira fue retratada en este contexto histórico. A partir de estos análisis podemos comprender la compleja trayectoria que rodea su “manía de libertad”.

**Palabras clave:** Nise da Silveira. Análisis de la película. Reforma psiquiátrica.

## INTRODUÇÃO

Em 1994, no Hospital Pedro II, no Rio de Janeiro, Nise da Silveira se deparou com uma psiquiatria diferente do que ela estava habituada a praticar. A “nova” onda de tratamentos vigente de distúrbios neurológicos e psiquiátricos baseava-se em práticas que corroboravam uma abordagem invasiva, medicalizante e despersonalizante nos manicômios, sendo essas vistas pela doutora Silveira como uma representação de que a psiquiatria estaria sendo destruída. Neste cenário se passa o filme “Nise, o coração da Loucura”, objeto de estudo e análise deste grupo de pesquisadores.

Interpretada nessa cinematografia por Glória Pires, a doutora Nise da Silveira, de origem nordestina, se formou na Universidade da Bahia sendo a única mulher entre 157 homens. Silveira foi uma psiquiatra com um ideal de atuação profissional fora do seu tempo e reconheceu desde muito jovem o teor invasivo dos experimentos da Medicina da época, tendo suas primeiras percepções já na faculdade enquanto participava de atividades que exigiam, por exemplo, a dissecação de animais (Gullar, 1996). Além disso, foi presa durante o Estado Novo por porte de livros comunistas, tendo vivenciado diretamente a experiência de encarceramento até ser libertada e readmitida no mercado de trabalho, somente em 1944, quando entra no Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II (CPPII), período em que se passa o filme.

É no referido momento que Nise encontra na psiquiatria uma atuação profissional, segundo ela própria, mais próxima às torturas aplicadas na prisão: com tratamentos invasivos, isolamento da sociedade e com a aplicação de abordagens que despersonalizavam os sujeitos submetidos ao sistema manicomial.

Lançado em 2015, dirigido por Roberto Berliner, e baseado no livro “Nise – Arqueóloga dos Mares”, escrito pelo jornalista Bernardo Horta, a cinematografia busca ilustrar não somente um recorte historiográfico sobre os feitos dessa psiquiatra tão vista como referência na saúde mental como também ilustrar os trabalhos artísticos influenciados pela psicologia analítica de Jung, a vivência pessoal da doutora diante das injustiças encontradas na Medicina além de sua atuação profissional.

A representação da gradativa evolução e a quebra do embotamento emocional dos pacientes do Hospital de Engenho de Dentro podem ser utilizadas como um referencial para o estudo da influência de Nise da Silveira na modernidade, da forma como a doutora é percebida na contemporaneidade além das transformações sofridas pela própria psiquiatria ao longo do tempo.

Deste modo, nota-se a pertinência em utilizar da análise de “Nise, O coração da Loucura” como ponto de partida para esmiuçar Nise da Silveira e seu legado profissional bem como para o incentivo de um novo olhar sobre o tratamento das doenças mentais e a influência de diferentes modelos terapêuticos nesse processo.

## MÉTODOS

1442

Este estudo se caracteriza como descritivo e analítico, de abordagem qualitativa, com forte teor bibliográfico, tendo por base entrevistas e artigos disponíveis em plataformas acadêmicas, como Google Scholar e SciELO.

Além disso, a equipe consultou o site oficial do Museu de Imagens do Inconsciente e recorreu a livros que documentam a trajetória de Nise da Silveira entre os quais: “Encontros: Nise da Silveira”, de Luiz Carlos Mello; “Uma Psiquiatra Rebelde”, de Ferreira Gullar; e “Mania de Liberdade”, de Felipe Magaldi.

Priorizaram-se publicações que trouxessem recortes fundamentais para a análise fílmica, bem como aspectos da personalidade e atuação profissional de Nise da Silveira. Informações de teor temporal e sociocultural foram também traçadas em razão da sua relevância na produção da cinematografia em estudo.

A análise fílmica utilizou como técnica de coleta de dados a observação direta, em diversas etapas do objeto selecionado, neste caso, o filme “Nise, o coração da loucura”. Para tanto, a produção foi assistida em distintos momentos para estabelecer variáveis de estudo, após

a construção sólida de um referencial teórico para que os ideais do grupo sobre a personagem não fossem influenciados pela perspectiva do diretor, mas, sim, sobre os fatos em si e objeto da narrativa audiovisual.

Os tópicos destacados pelo estudo são a cinematografia, a forma como Nise da Silveira foi representada sob essa ótica, a percepção da sociedade sobre a loucura e a crítica ao paradigma de institucionalização representado pelos manicômios, a visão sobre as doenças psiquiátricas no recorte temporal do filme, bem como forma como a narrativa escolheu retratar essa história, a representação da figura feminina nesse contexto e o impacto de Nise da Silveira na atualidade.

A partir disso foi possível analisar a obra e compreender de forma complexa e coerente a trajetória de Nise da Silveira e sua imprescindibilidade para a evolução dos métodos de tratamento da saúde mental, bem como a forma que essa história foi retratada por Berliner.

## APROXIMAÇÕES E PERCEPÇÕES ACERCA DE NISE DA SILVEIRA E DO FILME HOMÔNIMO

“Nise, O Coração da Loucura” levanta muitas questões que perpassam o emblemático momento em que Nise da Silveira desafiou os métodos comumente realizados nos anos 1940 à prática psiquiátrica e estabeleceu, mesmo com limitações, tendo em vista seu espaço de trabalho restringido a uma ala aos pedaços e voltada para a limpeza do hospital – a antiga Terapia Ocupacional –, uma nova forma de enxergar e lidar com as doenças mentais, principalmente no tratamento de esquizofrênicos.

Para ela, o tratamento não partia apenas dos procedimentos padrões, mas também do afeto, da expressividade artística e da criação de vínculos que dissolvem o embotamento emocional gerado pela introspecção do ambiente hostil de um manicômio. A interação social era, também, um fator de cura. Nise da Silveira destaca em entrevista para o jornalista Luís Carlos Lisboa que um ambiente ameno e a atenção humanizada são propulsores de extraordinárias mudanças na evolução dos enfermos mentais (Lisboa e Silveira, 1987, p. 92).

Para traçar essa narrativa é importante salientar o papel da ambientação na experiência imersiva do telespectador diante da história narrada pelo filme. Por conta disso, a escolha das cores, o cenário, a trilha sonora e o figurino também são considerados pelo estudo em questão a partir do momento em que a composição desses fatores proporciona um ambiente de angústia e apreensão que dão a sensação verídica de como o Hospital Pedro II era na época em que Nise

da Silveira caminhava por seus corredores. Nesse sentido, a escolha de Berlinger de gravar no próprio prédio do hospital foi de extrema importância para compactuar com essa imersão.

Em entrevista para o programa Fantástico, da Rede Globo, no ano de lançamento do filme, em 2016, Glória Pires afirmou sobre como a convivência com o ambiente, os internos e os profissionais foram imprescindíveis para uma caracterização fidedigna da personagem retratada pelo roteiro. Não só tudo isso como também o ambiente em si contou uma história: o telespectador consegue perceber nos arredores o ar hostil que o ambiente carregava, o que contribuiu para o cenário de angústia e os desafios enfrentados por Silveira quando decidiu inserir uma nova forma de olhar e tratar a loucura.

Falar sobre Nise da Silveira é, também, contar sobre a luta antimanicomial e os impactos que abordagens como a lobotomia, o eletrochoque e a insulinoaterapia culminavam, principalmente quando o ponto de destaque da trajetória da doutora parte de um ideal inovador que a fez ficar conhecida como “antipsiquiatria” (Coelho, 2020).

Por conta disso a importância da narrativa ser acompanhada também pelo cenário e pela forma como este foi organizado. A título de exemplo, no documentário “Em Nome da Razão”, dirigido por Helvécio Ratton e gravado no Manicômio de Barbacena, Minas Gerais, vê-se uma estrutura manicomial muito semelhante à representada pelo longa metragem em estudo, não obstante ao prédio em que se passa a história, mas também a disposição dos objetos do cenário e a escolha de momentos focados na sujeira, no hostil e até no animalesco dos seres humanos.

Não só como mecanismo de imersão do espectador, a organização suja e escura da ambientação do filme também reflete a negligência dos profissionais da psiquiatria da época em proporcionar um espaço acolhedor e estável para os pacientes, considerando a redução do humano a um objeto de estudo a ser isolado e excluído da sociedade neurotípica (Hickenbick, 2020). Um exemplo disso está numa das cenas do filme quando um dos futuros pacientes da doutora Nise, Rafael Domingues, suja a parede de um dos setores com fezes, gerando incômodo na equipe profissional e levantando a discussão de que a limpeza dos pacientes só ocorria nos momentos em que afetava os funcionários.

Partindo disso, é possível aferir que a higienização precária dos espaços era algo recorrente já que os loucos não eram vistos ou tratados como seres humanos dignos de um ambiente limpo e organizado.

**Imagem 1** – Comparação entre os cenários do documentário “Em Nome da Razão” e ambientação do filme “Nise, O Coração da Loucura”.



**Fonte:** Montagem produzida pelos autores.

Para além, essa ambientação também reflete o percurso na jornada da doutora Nise da Silveira e dos internos do setor de Terapia Ocupacional uma vez que a iluminação e a organização das cenas dentro da ala de Terapia começam a ser mais aconchegante e vívida do que no resto dos ambientes do hospital com o passar do filme e da evolução dos pacientes.

1445

O retrato ficcional da vida de Silveira se mantém firme no que diz respeito aos fatos de como essa profissional se posicionou contra os tratamentos descritos como “modernos” pela equipe médica do Hospital Engenho de Dentro. O espaço físico é degradante porque a Psiquiatria estava sendo degradada ao olhar da protagonista. Entretanto, é importante ressaltar outros fatores que compõem a narrativa de “Nise, O Coração da Loucura” não só como um filme com a proposta imersiva de um acontecimento real, mas também como um retrato de Nise da Silveira e da sua história e, para muitos, a porta de entrada para conhecer essa figura da saúde mental brasileira.

Com isso em mente, também foi avaliada a forma como a figura de Nise foi apresentada ao telespectador: sua história ficou clara? As ações da personagem, no filme, fazem sentido? Como o impacto profissional e o legado de suas ações foram explorados?

Partindo dessas questões, chegou-se à conclusão de que a narrativa do filme não entra em detalhes sobre alguns pontos da vida de Nise que contextualizam muitas das cenas, das atitudes e dos importantes momentos que representam esse enfrentamento. Não só no que diz

respeito ao contexto histórico do período em que o recorte se passa, como da representação dos estudos de Nise da Silveira e dos fatores da sua jornada que levaram a formação da famigerada “Psiquiatra Rebelde” e em como essa história será internalizada pelo público leigo à história da saúde mental brasileira.

Magaldi (2020) ressalta um fenômeno que ocorre no que diz respeito à retratação de Nise da Silveira nas produções contemporâneas sobre seu legado. Para o escritor, tende-se a retratar a história da doutora como uma “versão romanceada dos acontecimentos”, mascarando muitas das interações diretas da psiquiatra com as abordagens invasivas da psiquiatria da época, além de também tangenciar a trajetória acadêmica da doutora. O autor supracitado ressalta que ocorrem desvios criativos na narrativa de “Nise, O Coração da Loucura” com a intenção de salvaguardar a imagem exclusivamente heróica e impetuosa de Nise da Silveira, constituída pelo referido fenômeno nas produções científicas.

O conceito e as críticas tecidas pelo autor ficam evidentes quando se observa a forma como a atuação psiquiátrica de Nise foi representada. Antes de abrir mão do papel de psiquiatra e engatar no setor de Terapia Ocupacional, Nise chegou a aplicar insulino-terapia em uma de suas pacientes, o que não foi mostrado no filme embora este momento tenha sido um dos precursores para que ela percebesse de forma direta os efeitos negativos das estratégias da psiquiatria naquele período, assim como a própria afirma: “Um dia apliquei choque de insulina em uma paciente e a mulher depois não acordava. Aflita, apliquei-lhe soro glicosado na veia e nada da mulher acordar. Tentei de novo, até que consegui. Aí disse: nunca mais” (Silveira, 1996b, p. 46).

Outro ponto que fica à margem da narrativa é o fato de que Nise da Silveira foi presa durante a ditadura de Getúlio Vargas. A cinebiografia não fala o suficiente sobre a prisão de Nise para contextualizar algumas falas e cenas de outros personagens. Por mais que o filme tenha uma limitação de tempo, ao nosso entender seria necessário para compreensão clara de alguns aspectos políticos e contextuais.

É notório ainda um impacto sutil da falta de um diálogo ou menção a esses acontecimentos significativos. Não se entende, por exemplo, o porquê de alguns psiquiatras a chamarem de “comunista” como forma de ofensa. Também não é explorado o fator vivencial que levou a doutora a rebelar-se contra o sistema de segregação e institucionalização da loucura. Ademais, a própria Nise pontuou em entrevistas e relatos a importância da experiência de

prisão, em diversos fatores, para sua atuação como profissional da saúde. Gullar (1996) documenta algumas dessas situações em “Uma Psiquiatra Rebelde”, por meio de relatos feitos de forma muito honesta e transparente pela doutora Silveira.

Vale ressaltar que Nise da Silveira foi uma estudiosa acusada de porte de livros comunistas durante o Estado Novo, período ditatorial brasileiro, entre 1937 a 1945. Em entrevista a Dulce Pandolfi, historiadora e cientista política, ela dissertou mais sobre sua relação com o Partido Comunista do Brasil (PCB) e a prisão. Durante esse período, prisioneiros políticos comumente sofriam torturas nas prisões como mecanismo para extrair informações sobre organizações que pudessem representar ameaça ao governo vigente. A doutora não chegou a ser torturada, mas vivenciou diretamente a experiência de ter pessoas próximas nessa agonia. Em uma de suas diversas entrevistas a Ferreira Gullar, ela conta sobre noites em que sua colega de cela retornava com queimaduras nos seios, ou sobre os sons que ouvia das práticas de tortura.

Para Silveira, quando ingressa no mercado de trabalho, essa experiência se torna um paralelo com a psiquiatria e foi crucial para enxergar com outros olhos a medicina da época. Tendo como forte referencial a própria experiência traumática de 18 meses na prisão, e um total de sete anos de isolamento da sociedade, Nise da Silveira encontrou nos métodos (eletrochoque, lobotomia e insulinoaterapia) uma nova forma de tortura patologizante tão invasiva quanto aquela que ela vivenciava indiretamente na prisão (Silveira apud Macedo, 2021).

Em palavras literais: “A prisão foi uma experiência decisiva para a minha vida. Uma vivência muito marcante e fiquei com mania de liberdade” (Silveira, 2014). Neste contexto, ela completou de modo muito convicto: “O eletrochoque é uma espécie de tortura. Pessoas têm morrido deste tratamento. Alguns aguentam, outras não. Após meu retorno ao hospital, não aplicá-lo foi minha primeira rebeldia” (Silveira, 2014).

Entende-se que, com a falta de exploração – mesmo que ínfima – das experiências Nisianas no Hospital Pedro II, algumas cenas ficam desconexas e sem explicação para pessoas que não possuem conhecimento prévio da história da protagonista. A psiquiatra acaba ficando deslocada da sua própria temporalidade e história, pendendo para o que Magaldi (2020) destaca quanto à falta de perspectiva multifatorial nos estudos sobre Nise da Silveira, focando-se apenas no momento de rebeldia e não no contexto que o culmina.

Apesar disso, outras escolhas narrativas foram interessantes para a imersão e para a proposta de crítica ao sistema manicomial que o filme se propõe a fazer. A forma como a



cinobiografia representou procedimentos considerados inovadores nos anos 1940, sendo os principais mencionados pelo trabalho de Berlinger o eletrochoque e a lobotomia, foi pontual em proporcionar a empatia e a revolta no telespectador, facilitando assim um vínculo com a luta da protagonista.

Uma das primeiras cenas do filme é uma demonstração prática do eletrochoque. No documentário “Passageiros de Segunda Classe”, dirigido por Kim-Ir-Sen, Luiz Eduardo Jorge e Waldir de Pina, é possível ver um momento em que o eletrochoque é aplicado. Normalmente, o paciente era amordaçado e contido por uma equipe de enfermeiros, tornando o processo muito mais silencioso e sem tantos movimentos bruscos.

É perceptível, contudo, que a retratação no filme ocorreu diferente em uma tentativa de impactar e gerar empatia com a loucura reforçando a crítica ao tratamento. A representação do eletrochoque escolhida foi com gritos de dor e movimentos exagerados que geram desconforto, já que a “cobaia” dos psiquiatras não estava devidamente imobilizada para as convulsões decorrentes do método. A escolha pareceu uma opção proposital de apelação para garantir que não existam dúvidas de que o eletrochoque era invasivo e perigoso para aqueles a ele submetidos. Questiona-se, portanto, se o espectador sentiria ou não empatia pela situação caso não fosse explicitamente doloroso, como muitas vezes acontecia quando o paciente estava contido por uma equipe de profissionais.

**Imagem 2** – Personagem Nise da Silveira presencia o eletrochoque.



**Fonte:** Adoro Cinema (2016).

A produção consegue sensibilizar de forma excepcional o espectador a compactuar com a doutora e perceber sua importância ao ser envolvido por cenas que o levam a romper junto à protagonista com os ideais da psiquiatria tradicional, vendo com os próprios olhos os resultados do “novo”.

Goulart (2006 apud Hickenbick, 2022) descreve a assistência psiquiátrica precedente ao movimento antimanicomial como uma “rede de desumanidade de ignomínia”, ou seja, um modelo com características medicalizantes que privam o sujeito da sua cidadania, bem como em índices elevados de superlotação, mortalidade e segregação social como principal objetivo, não necessariamente a cura. Partindo destes aspectos percebe-se uma execução fidedigna do filme em análise.

A representação do processo de segregação de pessoas com enfermidades mentais ao longo da história pode ser percebida pela tendência dos profissionais ao longo do filme de isolar os pacientes da sociedade, principalmente em instituições de cunho manicomial em que eram frequentes os episódios de violência e desamparo. Uma cena se destaca no que diz respeito à negligência profissional com a loucura durante o recorte histórico representado por Berlinger no momento em que o paciente Lucio Noeman é instigado a participar de um confronto com outro interno.

A construção da cena em si proporciona um gradual aumento do desconforto no telespectador, causando uma ruptura com o funcionamento destas instituições em causa do contraste entre a brutalidade da cena como um mecanismo recreativo para os próprios funcionários do hospital e a trilha sonora calma e envolvente representando a normalidade de agressões dentro das instituições psiquiátricas. A escolha de um paralelo entre essa cena ocorrer enquanto Nise está em casa com o marido apenas reforça um cenário no qual a sociedade era alheia ao que acontecia por trás dos muros dos manicômios, protegida pela própria ignorância.

O roteiro do filme se preocupou ainda em inserir cenas de grande simbologia para representar não só a importância dessa psiquiátrica brasileira como também os prelúdios da luta antimanicomial. A simbólica cena de Nise da Silveira “arregaçando” as mangas para limpar a abandonada e suja sessão de terapia ocupacional, por exemplo, é um momento emblemático do filme e da própria história. Nessa cena, a psiquiatra abre mão do seu jaleco e da postura médica

para tentar “consertar” e “lavar” a sujeira deixada pelos outros profissionais: abrindo janelas e tornando o espaço inicialmente abarrotado e sujo em algo novo, amplo, vazio e ventilado.

Nesse momento, do zero, Nise da Silveira começa a dá os rumos na nova abordagem e maneira de acolher os internos do manicômio. Ainda que ela não soubesse como fazer estava disposta a estudar, aprender e tentar, afinal, “Após minha reintegração ao serviço público, me engajei em uma nova luta: contra a psiquiatria convencional. Esta é a briga mais importante de minha vida” (Silveira, 1996).

Tendo cenas como a retratada anteriormente, percebe-se o filme “Nise, O Coração da Loucura” não só como uma captação histórica de uma ruptura no que diz respeito ao tratamento dos transtornos psiquiátricos, mas, também, como um retrato de Nise da Silveira e como a contemporaneidade a percebe. Não somente os feitos da Dra. Silveira, como os métodos por ela utilizados, sua personalidade e a forma como esses métodos serviram de legado para a atuação profissional e humana na Psiquiatria, Psicologia e em outras áreas de conhecimento.

A cinebiografia, apesar de restrita a um recorte temporal e com furos no registro da história da doutora, demonstra em alguns momentos uma representação humana dos aspectos emocionais, impetuosos e empáticos da personagem interpretada por Glória Pires. Essa sensibilidade e desafio emocional têm ênfase em um dos momentos finais da narrativa, em que Nise e os pacientes da ala de Terapia Ocupacional encontram seus animais de companhia mortos, envenenados pelos médicos do Hospital Pedro II por incomodarem alguns pacientes e partes da equipe.

Sente-se, nesse momento de desespero e choque, a angústia por toda a evolução feita pelos clientes de Silveira ser destruída em segundos. E, embora pareça algo que vai longe demais, é realmente o que acontecia na época. Nise da Silveira chegou a descrever ainda em entrevista para Ferreira Gullar a relação dos médicos do hospital com os animais da sessão de Terapia Ocupacional como uma “verdadeira matança”.

O mais interessante desse momento é que o fato de que a reação da protagonista, com a qual a narrativa já fomentou vínculo e empatia com sua causa, é capaz de comover o espectador, pois embora tivesse sido representada como pouco abalável até então, sua reação ao momento é gritar em fúria e frustração que não só a humaniza, como também quebra com a perspectiva de que apenas aqueles vistos como loucos e excluídos socialmente tem reações explosivas aos

eventos: profissionais da saúde, artistas e loucos, todos sofrem e gritam em momentos de extrema pressão.

A própria Nise da Silveira reage desta forma em dado momento da narrativa, o que confirma muito bem uma das atribuições dadas à psiquiatra por seu amigo, o psiquiatra Hélio Pellegrino, que a chamava de Anjo Duro por conta de sua personalidade feroz sob uma camada de doçura (Magaldi, 2020). A demonstração de humanidade é interessante para quebrar, ao menos um pouco, com a tendência a se analisar a doutora Nise como algo aquém de falhas humanas, embora se mantenham os pontos de falha na representação dos porquês desses comportamentos.

Todavia, apesar de uma maestria na demonstração de humanidade, a obra cinematográfica em análise se contenta nessa perspectiva. Os estudos de Nise da Silveira e os impactos no quesito profissional, bem como os esforços acadêmicos desta na execução de suas abordagens terapêuticas, são pouco explorados pelo roteiro do filme e renderiam muitas ampliações.

Ao desafiar a psiquiatria convencional, Nise da Silveira precisou abrir mão do jaleco em prol dos seus próprios ideais de cura pelos vínculos, afetos e pela expressividade, uma vez que não acreditava na cura pela violência (Silveira, 1905-1999).

1451

Nesse viés, trabalhar com uma nova abordagem exigiu da doutora uma nova onda de pesquisas e testes para aplicação da terapia ocupacional, uma vez que sua formação era em Medicina. Porém, não seria fácil a conversão de uma ala de limpeza em um legítimo método de tratamento dos transtornos mentais, principalmente quando o método de avaliação da eficiência desses tratamentos era a quantidade de altas que eles promoviam (Sartori, 2020).

É por conta dessa árdua exigência que não só Nise da Silveira teve seus esforços na terapia ocupacional vistos como “brincadeira” por outros médicos (Macedo, 2021) como precisou recorrer às horas de estudos de técnicas e trocas de cartas diretas com estudiosos da psicologia e da arte. Neste contexto, a influência filosófica dos trabalhos de Spinoza e o estudo árduo da Teoria Junguiana foram precursores para a abordagem que Nise veio a nomear como “A Emoção de Lidar”, aspectos pincelados de modo sutil na narrativa audiovisual.

Com a renovação da sessão de Terapia Ocupacional, a doutora conseguiu não só a criação de 17 alas com diferentes atividades como, também, perceber nas produções artísticas padrões

harmônicos feitos pelos esquizofrênicos que se aproximavam das mandalas estudadas na psicologia analítica de Carl Gustav Jung, por isso, a proximidade com o teórico (Coelho, 2020).

Nise da Silveira chegou a enviar inúmeras cartas para ele, buscando diretamente na fonte do conhecimento uma forma de enriquecer sua abordagem e de estudar profundamente a expressão do inconsciente. Foi a partir dessas abordagens que a psiquiatra rebelde conseguiu evidenciar a capacidade comunicativa e a humanidade mascarada pelo embotamento emocional dos seus pacientes (chamados por ela de clientes). A arte não só era uma atividade corriqueira que permitia o estudo e o tratamento dos transtornos mentais como também era uma forma de emancipar as mentes doentes do sistema opressor de confinamento hospitalar.

**Imagem 3** – Nise da Silveira observa Emygdio de Barros pintando no filme “Nise, O Coração da Loucura”.



**Fonte:** Veja São Paulo

Apesar de um longo processo de estudo acadêmico que, segundo Nise da Silveira exigiram “muito tutano”, o filme não consegue explorar a totalidade do trabalho da personagem.

Embora fidedigno e envolvente no que diz respeito à criação do setor de Terapia Ocupacional, “Nise, o Coração da Loucura” revela pouco sobre o Museu de Imagens do Inconsciente e sobre a comunicação entre Nise e Carl Gustav Jung, sendo estas reduzidas à primeira carta enviada pela psiquiatra ao psicólogo e um momento onde recomenda leituras a outra profissional.

De forma geral, a cinebiografia tende a retratar muito mais as questões humanas e emocionais envolvidas na vanguarda psiquiátrica niana no processo de estudos que embasaram e fundamentaram esse procedimento.

Por um lado, a escolha é interessante no que diz respeito à retratação de uma personagem humana que cativa o espectador, por outro, a perspectiva de Nise da Silveira não só como uma “mulher de grande coração”, mas como uma produtora de conhecimento e estudiosa acaba sendo deixada à margem da cinebiografia. Ademais, a doutora não só estava propondo uma forma de tratamento não convencional como também era uma mulher inserida num cenário majoritariamente masculino, o que influenciava na forma como os médicos recebiam suas propostas. Por conta disso, os esforços acadêmicos da doutora precisaram ser redobrados para conquistar espaço para suas propostas inovadoras.

Cabe frisar que, apesar do tempo em que viveu, Nise da Silveira foi criada em um ambiente de ampla liberdade no que diz respeito às decisões do seu futuro e espaço para o crescimento de seus ideais rebeldes e impetuosos. Em entrevista para Ferreira Gullar, registrada no livro “Uma Psiquiatra Rebelde”, Nise afirma ter sido criada em meio a homens desde muito jovem e não ter sido impedida pela família para ingressar na faculdade de Medicina, mesmo essa sendo uma área masculinizada.

À vista disso, de forma geral, as opiniões expressas por Nise da Silveira sobre seu próprio papel como mulher demonstraram, em sua maioria, esse fator não importar tanto para ela quanto para os homens ao seu redor.

Apesar disso, a própria desconexão com os preconceitos sociais contextualizados nos anos 1940, a psiquiatra rebelde não foi poupada do contexto sociocultural de uma psiquiatria dominada por homens com ideais machistas estabelecidos, principalmente, com o cenário onde pensamentos como nazismo e fascismo afloravam no mundo, o que fortalecia o discurso patriarcal de dominância masculina em espaços vistos como “importantes”, que era o caso da medicina e em muitos momentos, Nise comenta ter tido suas ideias ridicularizadas pela equipe,

principalmente por serem abordagens ainda não comprovadas cientificamente e que não correspondiam ao tradicional da psiquiatria naquele momento.

É importante destacar ainda a coragem da médica frente aos colegas, sobretudo, naquela época, sendo mulher e nordestina. Apresentar ideias tão distintas das tradicionais, disseminadas por psiquiatras reconhecidos, em um país extremamente conservador e machista foi um ato revolucionário, uma provocação, um desafio e um chamado às pessoas que desejassem se unir a ela nesta jornada.

“Nise, o Coração da Loucura” tenta registrar essa dificuldade em muitos momentos: (a) quando a protagonista não é respeitada pelo enfermeiro que respondia na sessão de terapia ocupacional; (b) quando tenta propor novas ideias e é ignorada pelos colegas de profissão ou (c) quando frequentemente entra em conflito com o personagem Dr. César, interpretado por Michel Bercovitch, que protagoniza as cenas de confronto entre Nise da Silveira e a psiquiatria tradicional. No entanto, compreende-se que os aspectos dos desafios por ela enfrentados não foram devidamente explorados pela narrativa, sendo estes restritos a cenas isoladas como as mencionadas anteriormente, e não algo intrínseco à jornada de Nise da Silveira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

1454

Nise da Silveira vivenciou uma longa trajetória que a fez abrir os olhos para o que era invisibilizado pela sociedade, acumulando assim o que ela chamou de “mania de liberdade”. Na sua atuação no Hospital Pedro II, a psiquiatra conseguiu remodelar o paradigma da medicina vigente através desse ímpeto, corroborando a um método de tratamento menos invasivo ao resgatar nos internos a liberdade de expressão, de afeto e de dignidade humana.

O trabalho de Nise da Silveira tem um impacto imprescindível para o estudo e tratamento da saúde mental na contemporaneidade. A intervenção por meio da arte e seu olhar reprovativo aos tratamentos invasivos como eletrochoque e insulinoaterapia, assim como sua crítica ao sistema manicomial, explanados na cinematografia em análise, tecem uma rede de intervenções que promovem uma nova perspectiva para a atuação dos profissionais da saúde. Afinal, com a reestruturação do setor de Terapia Ocupacional e a promoção de atividades de pintura, modelagem, costura, entre outras, visando um real tratamento e expressividade, a doutora Silveira abriu espaço acolhedor e estimulante aos internos tão perpassados por embotamentos afetivos dentro desse sistema enclausurador da instituição manicomial.

A partir disso, Nise da Silveira representou o início de um movimento de antipsiquiatria e colocou os internos como protagonistas da própria cura, e não instrumentos de pesquisa para tratamentos invasivos.

Partindo disso, a “psiquiatra rebelde” se tornou uma pessoa cujo nome vem sendo estudado ao longo dos anos por muitas pesquisas uma vez que seu impacto extravasa a Psiquiatria e alcança também a Psicologia, o Direito, a Terapia Ocupacional, a Filosofia, Sociologia e as mais variadas e diferentes áreas do conhecimento. Não só isso, como o mundo do audiovisual também não se absteve de retratar sua história – ou recortes dela – para difundir seu legado, sua emoção de lidar durante os anos.

Apesar disso, mesmo sendo tão conhecida no meio acadêmico a maioria de suas retratações é de documentários e peças teatrais com temáticas específicas que dificultam a compreensão sem um estudo prévio, o filme “Nise, O Coração da Loucura” se diferencia então ao ser mais voltado ao público leigo apresentando e os conscientizando desta antiga realidade e convidando o público a compactuar com a psiquiatra.

Nesse sentido, “Nise, O Coração da Loucura”, de Roberto Berliner, se faz um reflexo do impacto dessa ilustre figura da saúde mental no pensamento moderno. Para além de uma produção documental de um recorte da vida dela que se tornou famigerado, o filme também se mostrou um mecanismo para estudar a forma como a protagonista é percebida pela ótica contemporânea, embora com algumas ressalvas.

A protagonista conquista e emociona o público por meio do afeto, acolhimento e empatia. A forma como as cenas se constituem e como Nise da Silveira foi apresentada ao público garante essa empatia através de uma combinação de fatores como trilha sonora, escolha de momentos e cenas emblemáticas que desafiam todo o ambiente degradante do Hospital Pedro II, como por exemplo, a importante cena em que ela se contrapõe aos médicos locais e afirma: “meu instrumento é o pincel, o seu é o picador de gelo”, colocando em evidência o choque entre o paradigma negligente e invasivo da lobotomia e a expressividade vívida da arte.

Todavia, vale ressaltar que esse “anjo duro” não alterou toda uma realidade da medicina unicamente com sua amabilidade. Exigiu-se dela muito estudo, pesquisa e engajamento frente a ciência e teorias já existentes na época, momentos estes que ficaram em segundo plano na cinematografia, assim como vivências importantes de Nise da Silveira que contextualizam sua



jornada no CPPII, o que tangencia a verdadeira profundidade de suas escolhas e arrisca a descontextualização temporal dos comportamentos da personagem e do ambiente ao seu redor.

Apesar disso, outros pontos do filme foram muito eficientes em sua representação da biografia de Nise. Utilizando a verdadeira estrutura do Hospital Pedro II e embasando-se em momentos que de fato ocorreram em sua vida, como pode ser percebido ao se comparar muitas cenas com entrevistas e documentos que registraram a jornada desta psiquiatra.

A partir do estudo do filme e da vida de Nise da Silveira, percebe-se o legado do seu trabalho como um reforço para diferentes estratégias de tratamento de doenças e transtornos mentais por meio da expressividade artística e produção manual como mecanismos de compreender as camadas profundas da mente. A repercussão dessa história nos tempos hodiernos e o retrato em produções como “Nise, O Coração da Loucura”, refletem uma ampla influência desse legado na visão moderna sobre a saúde mental, bem como pontua-se um mecanismo para incrementar cada vez mais essa importante influência da psiquiatra rebelde na atuação dos profissionais de saúde do século XXI em diante.

Com base em tudo que Nise da Silveira deixou como legado profissional e humano, pode-se concluir que o estudo e a documentação dessa história são importantes para a percepção do papel dos profissionais da saúde mental em garantir o bem-estar de seus clientes, assim como humanizar e personalizar a atuação profissional para além da emissão de diagnósticos e da segregação dos enfermos mentais.

## REFERÊNCIAS

ADORO CINEMA. **Filme Nise, o coração da loucura**. 2016. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-240724/trailer-19549122/>>. Acesso em: 24 fev. 2024;

ARANTES, J. T. Porta aberta para o eu: uma entrevista com Nise da Silveira. (Ganapati), 28 Apr. 2015, [josetadeuarantes.wordpress.com/2015/04/28/uma-porta-para-o-eu-entrevista-com-nise-da-silveira/](http://josetadeuarantes.wordpress.com/2015/04/28/uma-porta-para-o-eu-entrevista-com-nise-da-silveira/).

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009;

BORDWELL, D.; THOMPSON, K. **A arte do cinema: uma introdução**. São Paulo: Edusp, 2013. 768 p;

DA SILVEIRA, N. Nise da Silveira: Depoimento (1992). **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 15, n. 1, p. 639-658, 1 maio 2023;

EM Nome da Razão. Direção: Helvécio Ratton. Produção: Helvécio Ratton. Belo Horizonte: Químera Filmes, 1979. 25 min. (Documentário). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OPiPUUUbVoI&t=353s> . Acesso em: 09 de setembro de 2024

GULLAR, Ferreira. Nise da Silveira: uma psiquiatra rebelde. Rio de Janeiro: RelumeDumará.1996.

HICKENBICK , G. K. **A luta antimanicomial no Brasil e os direitos humanos**. Ijuí (Rs) 2022. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/server/api/core/bitstreams/288c1485-4boa-4680-9f15-315724eaoebz/content>>.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEAL, L. G. P. Entrevista com Nise da Silveira. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 14, n. 1-3, p. 22-27, 1994.

MACEDO, V. A importante contribuição da obra de Nise da Silveira para a Psicologia Analítica de Jung. **Junguiana**, v. 39, n. 2, p. 29-42, 2021.

MAGALDI, F. **Mania de liberdade Nise da Silveira e a humanização da saúde mental no Brasil**. [s.l.] Editora da Fundação Oswaldo Cruz, 2020.

MELO, W. Nise Da Silveira: Memória E Ficção Na Obra De Graciliano Ramos. **Advir**, v. 19, set. 2005.

Museu de Imagens do Inconsciente. Disponível em: <<https://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/>>.

NISE DA SILVEIRA. **Nise da Silveira**. [s.l.] Azougue Press, 2009.

NISE, O Coração da Loucura. Direção: Roberto Berliner. Produção: Lorena Bondarovsky. Rio de Janeiro: Imagem Filmes, 2016. 1h e 11 min. Disponível em: [https://www.primevideo.com/detail/oIB7V4NX8UZ4XF8OoLO6B6BRHE/ref=atv\\_dp\\_share\\_cu\\_r](https://www.primevideo.com/detail/oIB7V4NX8UZ4XF8OoLO6B6BRHE/ref=atv_dp_share_cu_r) . Acesso em: 14 de setembro de 2024

PASSAGEIROS de Segunda Classe. Direção: Kim-Ir-Sen, Luiz Eduardo Jorge, Waldir Pina. Produção: Kim-Ir-Sen, Luiz Eduardo Jorge, Waldir Pina. Goiânia: Asa Cinema e Vídeo, 2001. 22min. (Documentário). Disponível em: [https://youtu.be/sU2dnFg\\_SH8?si=PvcmbBbHI7hMQt2Tv](https://youtu.be/sU2dnFg_SH8?si=PvcmbBbHI7hMQt2Tv) Acesso em: 09 de setembro de 2024

SARTORI, L. Arte e inovação: reflexões a partir do filme Nise, o coração da loucura. **Ciência e Cultura**, v. 70, n. 2, p. 56-59, abr. 2018.

TRADUAGINDO. **A Relação de Nise da Silveira com o PCB**. Disponível em: <<https://traduagindo.com/2020/10/21/a-relacao-de-nise-da-silveira-com-o-pcb/>>. Acesso em: 25 jul. 2024.

VEIGA, E. Quem foi Nise da Silveira, a psiquiatra que teve homenagem vetada por Bolsonaro. BBC News Brasil, 27 maio 2022.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Tradução de Daniel Grassi. 3. ed., Porto Alegre: Bookman, 2005.